

## **Problematizando o gênero na história do esporte? Origem, institucionalização e atualidade dos Gay Games**

WAGNER XAVIER DE CAMARGO\*

### **Introdução**

It's quite possible that someday the distinctions between gay and nongay cultures will become irrelevant, but for the nonce, with these Games and the Procession of the Arts, we hereby serve notice that we are fully vested citizens of the world, with a thriving and bona fide culture, and that we are worthy of the respect and esteem of all other citizens of this world. Today and this week, we see ourselves as we really are – active, productive, creative, and healthy. I hope we all experience the sense of self-worth and self-esteem that is the natural consequence of the activities in this community. Let the games begin! (WADDELL; SCHARP, 1996, p. 195-196)

Início este artigo com um trecho do discurso de Tom Waddell na abertura dos I Gay Games, realizados na cidade de São Francisco, no ano de 1982. Uma proposta bastante ousada à época, que almejava criar uma atmosfera ‘*friendly*’ (simpatizante) para a prática de esportes por parte de pessoas que não se consideravam heterossexuais. Porém, aos ventos de mudança desencadeados pela Revolução Sexual dos anos 1960-70, a competição demandava mais direitos aos homossexuais, bissexuais e travestis, sem excluir atletas heterossexuais. Um mundo “sem distinções culturais, sociais ou sexuais”, defendia Waddell.

A primeira vez que ouvi falar sobre “competições gays” eu ainda era um garoto em formação, lá pelos finais dos anos 1990, praticante de atletismo. Um amigo corredor tinha um sonho: competir nos Gay Games. Vivíamos 1996 e faltavam dois anos para a próxima edição quadrienal destes Jogos, que seriam realizados em Amsterdam, na Holanda. Em suas fantasias, sempre narradas a mim, imaginava homens com torsos definidos correndo aos nossos lados. Com o tempo, seus delírios passaram a povoar também meu imaginário.

Ora, os preconceitos em mim formados pela minha educação de base heteronormativa me impediam de ir além, de me considerar ser desejante no universo esportivo, de projetar desejos mais libidinosos em relação, por exemplo, a outros corredores. Ainda me mantinha no que Eve Sedgwick (2007) designa como “armário da sexualidade”. Pesava sobre minhas considerações juvenis noções como “gueto”, “ambientes restritivos” e “imorais”, “contaminados por práticas sexuais”.

---

\* Doutor em Ciências Humanas com tese em Estudos de Gênero e Antropologia do Esporte. Atual pesquisador-júnior da FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo), junto ao Departamento de Ciências Sociais, da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Pesquisa financiada por CNPq, CAPES e DAAD. Email: [wxcamargo@gmail.com](mailto:wxcamargo@gmail.com)



Militante do movimento esportivo de pessoas com deficiência, colocava-me contrário a práticas restritivas. Demorei anos para entender de modo mais fluido minha sexualidade e não me condenar por desejos referentes ao mesmo sexo. Lá pelos idos de 2006, aproveitando uma estada nos EUA, vi-me defronte à possibilidade de participar dos VII Gay Games, na cidade de Chicago. Do *badminton* à luta greco-romana, numa longa lista de esportes individuais e coletivos, escolhi as provas de pista do atletismo. Mais atleta do que antropólogo, vivi uma das experiências mais interessantes de minha vida, participando, correndo, torcendo por e entre homossexuais atletas. O primeiro contato com a diversidade sexual me abriu os sentidos, relativizou meu lugar no mundo, reposicionou meus desejos e decidi estudar aquele evento e seus praticantes numa longa pesquisa que depois se materializou em meu doutorado.

Com o estádio *Soldier Field* lotado, aplausos e gritarias. Estávamos em fila e pelo menos havia duas horas esperando o desfile de abertura. Famílias, parentes, amigos e torcidas organizadas se faziam presentes. À entrada, esperávamos perfilados por ordem alfabética de países, todos sendo anunciados sob uma avalanche de aplausos. O desfile da “delegação brasileira” foi restrito a três brasileiros e uma brasileira. Meio decepcionante, confesso... Em meio aos discursos daquela época de “Brasil - Potência Olímpica”, parece que isso não funcionava para os gays. Mas naquele dia, ao anúncio do nome “Brasil”, a adrenalina subiu e tomou conta de meu ser. Corremos para dentro do campo de futebol ensandecidos. Estávamos participando da cerimônia de abertura dos Gay Olympic Games, numa cerimônia com pompas de Jogos Olímpicos. (Registro de campo, 15 jul. 2006).

### **Gay (Olympic) Games: origens e características**

A atual designação “Gay Games” surgiu de uma controvérsia histórica, até hoje mal compreendida e digerida pelos que ainda militam na causa (DAVIDSON, 2006). Numa disputa judicial no início dos anos 1980, o Comitê Olímpico Norte-americano (USOC) proibiu Tom Waddell e a Federação dos Gay Games (FGG) de se utilizarem da expressão “Olimpíadas” como referências a eles, uma vez que “denegria o espírito olímpico”, como foi registrado. Sobre tal contenda, Perry Young (1995, p. 119) sublinha “the fight over the name proved long and expansive, but the Olympic Committee finally (with the blessing of the U.S. Supreme Court) succeeded in blocking Waddell’s use of the word ‘Olympic’”.

A partir de tal veredito, portanto, as “Olimpíadas Gays” — ou juridicamente os Gay Games (GG) — realizaram-se no verão de 1982, tendo como cidade-sede São Francisco, nos Estados Unidos. (PRONGER, 1990; WADDELL; SCHAAP, 1996; BOSCH; BRAUN, 2005; DAVIDSON, 2006). Surgiram do esforço empreendido por um atleta norte-americano que



havia competido nas Olimpíadas da Cidade do México, em 1968. Desde meados dos anos 1980, Tom Waddell idealizava um evento que se propunha reunir praticantes (atletas amadores e mesmo profissionais) *gays*, lésbicas, bissexuais, transexuais e mesmo heterossexuais. Na esteira dos efervescentes debates sobre identidades pós-revolução sexual materializara-se os GG, com uma proposta diferenciada daquelas que ocorriam em eventos esportivos convencionais:

Waddell's vision was to gather lesbian, gay, bisexual, transgender and supportive heterosexual athletes in an international athletic competition in which athletes could openly celebrate both their athletic and sexual identities in ways not currently possible in most mainstream sporting events (GRIFFIN, 1998, p. 190).

Apesar de oriundo das competições *mainstream*, Waddell era engajado politicamente e defendia a prática do esporte como exercício de cidadania. De acordo com Davidson (2006), mesmo durante a participação nos Jogos Olímpicos de 1968, Waddell protestou contra a ação racista do Comitê Olímpico Norte-americano em punir John Carlos e Tommy Smith pelos gestos de punhos cerrados no pódio, em referência direta ao *black power*. Em seu currículo esportivo tinha a 6ª colocação na prova combinada de Decathlo (prova “masculina” e combinada de dez eventos relativos ao atletismo) naquelas Olimpíadas (PRONGER, 1990; BOSCH; BRAUN, 2005). Para entender o que Tom Waddell representa à história dos GG, basta dizer que ele está para tais jogos, assim como Pierre de Coubertin (ou o Barão de Coubertin) está para os Jogos Olímpicos da Era Moderna, reeditados em 1896. De forma alguma, Waddell defendia a exclusividade das competições como ambientes restritivos, ou como eu pensava antes de entender mais sobre tal expressão esportiva, como ‘espaços guetificados’. E, além disso, ele era contra a competição enquanto “conflito”, onde apenas um poderia vencer —, pois apesar de o esporte trazer consigo a igualdade formal de chances, acaba excluindo a maioria que não tem competência técnica (WADDELL; SCHAAP, 1996).

Considerado, portanto, o “pai dos jogos gays” (BOSCH; BRAUN, 2005, p. 186), foi a partir de sua iniciativa que os GG passam a uma existência institucionalizada de práticas esportivas de/para sujeitos *cujas identidades sexuais e de gênero iam além das heterossexuais* e, ao mesmo tempo, buscava incluir atletas heterossexuais identificados à causa de um mundo sem barreiras e preconceitos no esporte. Em suas palavras, o objetivo dos jogos era assim resumido:

The Gay Games are not separatist, they are not exclusive, they are not oriented to victory, and they are not for commercial gain. They ARE, however, intended to bring a global community together in friendship, to experience participation, to



elevate consciousness and self-esteem and to achieve a form of cultural and intellectual synergy (WADDELL, 1982, p. 1). [destaque do autor]

Está claramente colocado na “carta de fundação” dos Jogos o caráter inclusivo, participativo, não comercial e não competitivo. Sua criação adquire uma característica mais ampla, uma vez que, de acordo com Caroline Symons (2010), participar em tais torneios também era uma forma de se adequar aos padrões de corpo, de estilo de vida e de entretenimento que atingiam a população homossexual (gay e lésbica) nos anos 1980, particularmente nos EUA.

Os princípios norteadores do agrupamento de atletas — definidos pelo próprio Waddell a partir da segunda edição dos Jogos em 1986 — eram (e ainda são): 1) equipes “co-sexualizadas” entre homo/héteros e/ou “homens/mulheres”; 2) competição entre grupos etários, para equiparação das condições objetivas entre competidores/as; 3) estímulo à participação de todas as “minorias ‘raciais’ e étnicas, surdos e pessoas com deficiência” (WADDELL, 1982, p. 1). Por sua vez, ao passo que pessoas com deficiência quase não se fazem presentes, minorias étnico-raciais comparecem em baixa proporção, vindo principalmente da América Central, de alguns países da África e de outros poucos da Ásia Meridional (Sul e Sudeste).

No tocante à organização atual das competições, a divisão por faixas etárias é o princípio aplicado em maior proporção, principalmente em modalidades esportivas individuais, como atletismo e natação. Equipes mistas de “homens” com “mulheres” são raras, para não dizer inexistentes, uma vez que há tão somente duas categorias nas quais os sujeitos são categorizados arbitrariamente: a “masculina” e a “feminina”, como ocorre em qualquer competição esportiva convencional. A presença de ex-atletas heterossexuais (e atletas ainda em atividade) pode ocorrer em esportes individuais, que apresentam chance de medalhas, novamente como o atletismo e a natação. Esportes coletivos nos GG (como futebol de campo, voleibol, handebol, softbol e basquetebol), em geral, são lugares de “encontros identificatórios” de sujeitos que tiveram histórico de rejeição nos campeonatos esportivos convencionais e atualmente buscam experiências não discriminatórias.

### **No nível das experiências: o evento hoje**

**Pesquisador:** Me diga, então, o que significa para você estar aqui no Gay Games?

**Jay:** é sério, você quer ouvir o que tenho a dizer?

**P:** sim, claro, gostaria muito.

**J:** minha primeira vez foi com muitos amigos, entende? E eu não vou esquecer. Os momentos mais emocionantes para mim é ser olhado, observado e aplaudido por centenas de milhares de pessoas [...] isso para quem é excluído é uma experiência fantástica. Digo, é uma experiência fantástica mostrar ao mundo que nós [gays] somos mais do que “sexo, drogas e rock’and roll”. [...] Os Gay Games é uma oportunidade de mostrar para o mundo que nós somos iguais a quaisquer outros. Eu vivo num país que em 36 estados [dos 50 estados norte-americanos] eu posso ser preso só por ser gay. [...] Por isso acho que precisamos manter isso aqui [jogos gays]. (Registro traduzido de entrevista em 31/08/2010 com Jay).<sup>1</sup>

Esse trecho anterior é parte de minha conversa com Jay, estadunidense, “branco”, de 58 anos, solteiro e um entusiasta e apoiador de competições esportivas para homossexuais, um local “reservado” a eles para que se expressem livremente no esporte e troquem experiências. Numa expressão: um espaço de construção identitária.

Ex-atleta de *powerlifting* (levantamento de peso) e atual técnico de *bodybuilding* (esculturamento corporal) usa saias de couro, possui *piercings*, brincos e *tatoos*, e se considera à frente de sua geração. Participa especificamente dos GG como atleta desde os anos 1990. Adepto do mundo gay dos fetiches, é desinibido, muito sociável e comunicativo. Foi ele quem me inseriu na apresentação de *bodybuilding*, nos Gay Games VIII. Nosso contato se iniciou por acaso, no primeiro dia de retirada do material de inscrição, no pavilhão da *Kölnmesse*, em Colônia — sede da oitava edição daqueles jogos.

Lá eu participava como corredor de 5 km em pista de atletismo. Porém, meu “sentido antropológico” mais aguçado me permitiu “olhar, ouvir e escrever”— como nas palavras de Roberto Cardoso de Oliveira (1996) — sobre tudo o que me era, então, ao mesmo tempo familiar e exótico. Além de mapear melhor por onde pessoas e fatos circulavam ou mesmo quando eram os melhores momentos para encontrar alguém com quem conversar, pude ter acesso mais próximo às vidas de sujeitos que “militavam” há anos no movimento esportivo LGBT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, transgêneros) internacional e às suas redes sociais. O encontro com Jay foi fruto dessa postura investigativa.

A larga maioria dos entrevistados não é composta de atletas (atuais ou passados), mas de indivíduos com histórias pessoais de início bem cedo nas práticas esportivas (em geral por volta dos doze anos). No entanto, assumindo categorias nativas, no âmbito competitivo designam-se (e são designados por outros agentes sociais) como “atletas”, isto é, indivíduos envolvidos em práticas esportivas mais ou menos regulares, tanto com vistas à performance atlética, quanto a simples expressão lúdica do movimento. Assumirei tal designação sem

---

<sup>1</sup> Os nomes dos entrevistados que aparecem neste texto são fictícios e se justificam como forma de proteção de suas identidades.



aspas, pois essa classificação é parte discursiva de como denominam suas performances, no sentido butleriano.

Muitos se autodenominam assim em busca daquilo que gostariam de ser (ou terem sido) e/ou mesmo daquilo que gostariam de ter (ou terem tido), como um corpo atlético e definido. O próprio Jay me contou, em outro momento de nossas conversas, desejar corpos de atletas heterossexuais que participam nos eventos. O fetiche em relação à posição de atleta (e mesmo às vestimentas atléticas) é algo muito presente no imaginário, nos discursos e nas práticas dos sujeitos que frequentam as arenas esportivas LGBT, nas quais para participar, basta ser portador de um cartão de crédito internacional, certo tempo na agenda e vontade de viajar.

Nas competições em que estive presente travei contato com algo em torno de 180 atletas, praticantes de aproximadamente vinte modalidades e estabeleci diversos tipos de contatos, que me foram frutíferos na compreensão analítica sobre o campo e me renderam, inclusive, algumas relações de amizade.

Do total de contatos estabelecidos, obtive cerca de treze diálogos mais profundos e acompanhei sistematicamente, durante um período de cerca de um ano, a vida de seis daqueles sujeitos, os que moravam nos mesmo país que eu, à época (no caso, Alemanha).

As interações se deram em seus locais de treino, em eventos esportivos, em situações sociais outras (como bares, cafés, restaurantes, boates, saunas, ou outros lugares de entretenimento LGBT) e em meio aos diálogos, eu postulava minhas preocupações investigativas. Para usar uma designação de Néstor Perlongher (2008), praticamente a totalidade dos atletas entrevistados estabelecia, em meios sociais e esportivos onde circulavam, “relações horizontais”, isto é, relações em que não estavam em jogo dinheiro, disputas por poder, território, cargos ou prestígio. Eram relações baseadas apenas em “trocas de orgasmo por orgasmo”, dentro do que foi chamado por Michel Pollak (1987) de “mercado dos intercâmbios sexuais”. Apenas um casal mantinha uma ligação afetiva baseada em “relações verticais”, que envolviam dominação/submissão, imposição de vontades e desejos, disputas por recursos econômicos. Por sua vez, as entrevistas mais pormenorizadas e específicas com os sujeitos escolhidos foram, geralmente, realizadas em locais mais reservados e silenciosos. Todos sabiam de minha condição de pesquisador; porém, em meio à interação, a maioria se esquecia disso e me tratava como um “parceiro de jogo”, para tecer uma analogia ao mundo dos esportes.



Um dado estatístico interessante que trago de um *survey* amostral por mim realizado em 2009 conclui, de modo geral, que a maioria de tais sujeitos provém de países desenvolvidos (Estados Unidos, Canadá, Austrália e Europa Ocidental), habitam grandes centros urbanos (ou cidades médias de regiões megalópoles ou metropolitanas), tem escolaridade formal de nível superior (principalmente cursos universitários), designam-se “brancos” (com alguma porcentagem de mestiçagem) e, em esmagadora proporção, reconhecem-se do “gênero masculino”. Muitos relatam que moram sozinhos e aproveitam as viagens proporcionadas pela participação nos eventos para férias e turismo.

A situação de aproveitar o evento para estender a viagem e averiguar o que o local pode oferecer é bastante aproveitada também por casais. Encontrei alguns deles em todos os campos etnográficos realizados em jogos (Copenhague-2009, Colônia-2010 e Vancouver-2011). Alguns deles tiravam férias juntos para poderem participar da competição e aproveitar “*tudo* o que o evento pode oferecer”, de acordo com o que me revelou um atleta no evento de Copenhague:

**Pesquisador:** Então você veio casado para os Jogos?, *perguntei*.

**Demian:** Sim, claro; ele é meu maior incentivador; não só porque é psicólogo, mas quando tive problemas com meu pai – há muitos anos – ele foi minha família.

**P:** mas como é o lance de participar dos Jogos, vocês vêm sempre juntos?

**D:** Não, porque eu represento instâncias do esporte LGBT no mundo, então viajo muito. E ele, quando vem, não compete. Mas quando é possível, geralmente no verão, viajamos juntos para aproveitar tudo o que o evento tem para oferecer.

**P:** O que é esse ‘tudo’?, *indaguei*.

**D:** Ah, você sabe[...], *riu e levantou a sobrancelha, permanecendo pensativo alguns segundos*. Saímos para lugares gays e procuramos um terceiro [parceiro]; nas competições gays é mais fácil encontrar, pois há opções para todos os lados. Sempre fizemos isso, desde o início de nosso namoro. (Registro traduzido de entrevista em 28/09/2009 com Demian)

## Gay Games em números

Organizando os GG há quase 30 anos, a FGG, sediada nos EUA, é conduzida basicamente por trabalho voluntário de um Comitê de Diretores (*Board of Directors*) e liderada por dois co-presidentes, de gêneros distintos, segundo critérios de paridade de gênero. Esta organização foi oficializada juridicamente em 1989, por meio de esforços de amigos próximos a Waddell, que continuaram organizando as competições gays quadrianuais, mesmo após sua morte em 1987, por complicações relacionadas a AIDS. Segundo o site oficial da FGG, “Built upon the principles of Participation, Inclusion, and Personal Best, since



1982 the Gay Games have empowered thousands of LGBT athletes and artists through sport, culture, and fellowship” (FEDERATION OF GAY GAMES, 2011).

Além de desenvolver um programa esportivo, os GG realizam paralelamente um circuito cultural, composto por exposições, *vernissages* e mesmo mostras artísticas atrelados ao evento oficial. Tal ideia já havia sido planejada originalmente por Waddell, mas foi somente concretizada nos II Gay Games, em San Francisco, 1986. A mostra artístico-cultural, nesta ocasião, chamada de ‘Procession of the Arts’, compôs-se de “[...] concerts, exhibits, plays, conferences, films, dances, cabarets, and an old-fashioned Circus Parade” (UNCLE DONALD’S CASTRO STREET, 2011, p. 2).

Em conversa com um dos presidentes da FGG, fiquei sabendo que há um protocolo parecido ao do mundo esportivo convencional para a escolha das cidades-sedes dos jogos. Quando há candidatas interessadas, o comitê diretor da FGG disponibiliza o cadastro *online* — por meio de um projeto de desenvolvimento esportivo chamado BID, comum inclusive a outras competições convencionais (o Brasil já se candidatou várias vezes por meio desse processo para sediar eventos esportivos) — e, após meses de vistorias e análises do relatório de intenções, decide-se pela melhor candidatura. Certamente menos glamoroso do que o processo multimilionário do Comitê Olímpico Internacional (COI), que recebe ampla cobertura midiática e se constitui ele mesmo em parte do espetáculo dos jogos.

A seguir apresento uma tabela sistematizada com as cidades-sedes no decorrer da história dos GG, suas respectivas versões e o número de participantes. Adaptei e atualizei dados de Heike Bosch e Phillip Braun (2005) e de sites da internet:

TABELA 1 - GAY GAMES – CIDADES E SEDES E PARTICIPANTES

ANO	EDIÇÃO	CIDADE	PAÍS	Nº PARTICIPANTES (APROX.)
<b>1982</b>	I	São Francisco	EUA	<b>1.350</b>
<b>1986</b>	II	São Francisco	EUA	<b>3.500</b>
<b>1990</b>	III	Vancouver	Canadá	<b>7.300</b>
<b>1994</b>	IV	Nova York	EUA	<b>12.500</b>
<b>1998</b>	V	Amsterdã	Holanda	<b>13.000</b>
<b>2002</b>	VI	Sydney	Austrália	<b>11.000</b>
<b>2006</b>	VII	Chicago	EUA	<b>11.500</b>
<b>2010</b>	VIII	Colônia	Alemanha	<b>12.900</b>
<b>2014</b>	<b>IX</b>	<b>Cleveland</b>	<b>EUA</b>	<b>...</b>

Fonte: Adaptado de: BOSCH; BRAUN (2005).

Num primeiro olhar, importante destacar a quantidade de atletas inscritos nos jogos. Da segunda para a terceira versão, tal quantidade mais que dobrou. Mesmo os III GG tendo sido realizados em Vancouver, Canadá (um território contíguo ao norte-americano), tal edição foi a primeira internacionalizada, numa era de plena intensificação da globalização. A partir das subseqüentes versões, o montante de participantes manteve-se relativamente constante e sempre acima dos 10 mil.

Para que se tenha ideia do fenômeno em discussão, gostaria de comparar tais quantificações com as dos Jogos Olímpicos e os Paraolímpicos (programa proposto para pessoas com deficiência), dois importantes eventos do contemporâneo “sistema esportivo global” (RIAL, 2008). Enquanto que as últimas edições dos GG em Chicago/2006 e em Colônia/2010 contaram com a participação de, respectivamente, 11.500 e 12.900 atletas (números oficiais da federação internacional), as correspondentes versões Olímpica e Paraolímpica de verão em 2008, em Beijing (China), somaram, cada uma à sua vez, 10.500 e 4.800 atletas (BATTAN, 2008), ambos totais absolutos inferiores àqueles mencionados.

Em termos de quantificações, Brian Pronger (1990) e Pat Griffin (1998) já haviam frisado numericamente os GG, inclusive atentando para a proporção de participação de gêneros e também estabelecendo comparações com Olimpíadas:

In 1986, the Gay Games attracted 3.482 athletes with a ratio of men to women of 3:2 in a total of seventeen sports. (This is to be contrasted with the 1988 Olympics in Seoul where the male/female ratio was 2,5: 1) [...] Gay Games III in Vancouver (1990) had over 7,200 athletes registered (which totals over 120 more than participated at the 1984 Los Angeles Olympic Games) in thirty-two sports (PRONGER, 1990, p. 252).

In 1994 in New York City, Gay Games IV attracted more participants than the 1992 Barcelona Olympics. Gay Games V will be held in August 1998 in Amsterdam and will probably do the same (GRIFFIN, 1998, p. 190).

Destaquei a variável “número de atletas” apenas para evidenciar que os GG são vultosos na proporção de participantes que atraem, abrindo precedentes para classificá-los, via quantidade, na categoria “megaeventos”, tão propalada atualmente quando se discutem os grandes eventos que o Brasil sediará em 2014 e 2016. Do ponto de vista conceitual, contudo, as competições LGBT poderiam ser consideradas “megarrituais globais”, designação teórica autônoma de Gustavo Lins Ribeiro (2000), ou “megaeventos esportivos” — nomenclatura mais comum e que, atualmente, prolifera na literatura econômica (RITCHIE; SHIPWAY; CLEEVE, 2009).

De outra perspectiva, congrega mais participantes do que nos Jogos Olímpicos convencionais, conforme destacado por Pronger (1990) e Griffin (1998), não se caracteriza uma novidade propriamente dita, visto que, para se fazer presente em qualquer uma destas versões esportivas LGBT não é preciso marcas e índices auferidos, ou mesmo convocações oficiais de Comitês Olímpicos Nacionais. A ida ao evento é de “livre arbítrio” de cada indivíduo, sendo apenas necessário ter recursos suficientes a participação, da inscrição à viagem e aos gastos oriundos dela.

No entanto, excetuando-se a variável analisada (número de atletas), as competições LGBT parecem estar fora dos critérios que são reconhecidos e que legitimam, frequentemente, um fenômeno como “megaevento”, seja porque elas não apresentam espetacularidade e apelo midiático, não agregam popularidade, angariam patrocínios inexpressivos, não movimentam alta quantia de dinheiro, se tomá-los em comparação a eventos como Olimpíadas e Copas do Mundo de Futebol.

Outro detalhe importante que a Tabela 1 salienta é o processo de desterritorialização global *do* (e reterritorialização *no*) espaço norte-americano dos Jogos Gays — em 30 anos a competição voltou cinco vezes para os EUA, que também foi o único país a repetir a organização do evento. Tal retorno ao território americano, sob supervisão da FGG é, particularmente, orquestrado de tempos em tempos. Há manobras políticas que arregimentam

apoios e estabelecem uma rede de ações para que isso aconteça e me faz pensar na manutenção do que eu chamaria de “espaços políticos identitários”.

A Tabela 2 a seguir foi confeccionada com dados mais pormenorizados sobre a competição, recolhidos por mim em campo. Eles nos conferem outra dimensão, inclusive de custos dos eventos. Adicionei informações de sites oficiais da FGG e outros *blogs*:

TABELA 2 - GAY GAMES – OUTROS NÚMEROS

<b>Edição</b>	<b>Nº Países inscritos</b>	<b>Modalidades esportivas</b>	<b>Voluntários</b>	<b>Custo total (US\$)</b>
<b>Gay Games I</b>	12	17	~ 600	125 mil
<b>Gay Games II</b>	17	18	~ 1.000	350 mil
<b>Gay Games III</b>	39	27	~ 2.000	2,1 milhões
<b>Gay Games IV</b>	40	31	~ 7.000	6,5 milhões
<b>Gay Games V</b>	68	33	~ 4.000	7,0 milhões
<b>Gay Games VI</b>	80	36	~ 3.000	5,0 milhões
<b>Gay Games VII</b>	81	31	~ 2.500	13,0 milhões
<b>Gay Games VIII</b>	83	35	~ 2.000	??

Fonte: FGG website, e Uncle Donald' Castro Street (2011).

Nota-se que, desde a primeira versão dos jogos, o número de países (e, conseqüentemente de cidades, pois as inscrições são também contabilizadas por elas) está em ascensão. Por sua vez, desde os GG IV (New York/94), o número de modalidades esportivas para uma edição olímpica está estável na casa das 30. O que surpreende na tabela é o a quantia de voluntários para estes eventos, que, no geral, sempre é bastante alta. Em se levando em conta os custos de cada edição, os GG VII (Chicago/2006) foram os únicos que, em toda a história dos jogos, registraram lucro entre o que foi investido e o retorno por meio de anúncios em mídias e arrecadação. Na brochura oficial do evento, dada aos atletas no ato da inscrição, havia mais de cem patrocinadores, dentre eles, alguns conhecidos como Coca-Cola Company, Puma, The New York Times. Mas por que tão grande evento não é conhecido do grande público e mesmo não é mencionado nos veículos de comunicação convencionais?

Outro destaque relativo aos inscritos nos GG: em geral, a maior parte dos atletas é oriunda dos EUA (em Chicago-2006 participaram quase seis mil estadunidenses). A maioria masculina nunca foi ultrapassada na história dos jogos, mas em duas ocasiões a porcentagem

de mulheres quase chegou à metade dos participantes: em San Francisco (1986), o montante do delas atingiu 40% e, nos Jogos de Amsterdam (1998), 42%.

Na Figura 1, apresentada a seguir, pode-se observar (pela intensidade mais escura das cores) a proporção de participação dos países envolvidos no planisfério. O mapa foi apresentado no site do comitê organizados dos Jogos de Colônia, em 2010. Apesar de a Austrália estar geograficamente no hemisfério sul, deve ser considerada como partícipe do conjunto das nações ricas do norte desenvolvido, principalmente porque, em termos quantitativos (363 inscritos) aproxima-se de outros países europeus ocidentais (França com 525 inscritos, Suíça, com 248 e Holanda, com 658):

**FIGURA 1:**

**Mapa de distribuição dos países participantes em Colônia, Alemanha, 2010**



Figura 1: Fonte: Gay Games VIII Cologne 2010 Sucess. Arte: Daniel Voltan

**Sobre o futuro: considerações finais**

As nações que mais tiveram participantes na oitava edição foram Estados Unidos (2.219) e Alemanha (2.955), ambos países que se destacam no número de inscrições. Destaques do mapa anterior é, igualmente, a presença de países emergentes no rol das participações, como Argentina, Brasil, China, África do Sul, Indonésia e Polônia. Porém,



mesmo tendo figurado como partícipes, todos eles inscreveram até 50 participantes, ou seja, número inexpressivo se comparado aos países citados anteriormente.

E, de outra parte, surpreende ainda que, apesar dos impactos das discussões sobre parceria civil, direitos humanos LGBT e “casamento gay” em escala planetária, grande parte da África, Oriente Médio, Ásia Central, alguns países da América do Sul e quase toda a Ásia Meridional estão apartados da participação ou figuram de modo muito modesto (a Índia, por exemplo, se fez representada nos jogos em Colônia com apenas 01 participante). Seja por questões religiosas, econômicas, políticas, culturais ou morais, o fato é que ainda se sabe pouco sobre os motivos de não participação num evento global como os GG.

Para além destas quantificações, cabe comentar que tais jogos se originaram como evento esportivo “alternativo” a competições heteronormativas convencionais (ou seja, eventos orientados pela lógica heterossexual dominante nas sociedades), algo singular nos termos de Symons (2010):

The Gay Games have been an alternative Games. In a largely homophobic and heterosexist world the staging of the Gay Games, the implementation of progressive participation policies and the development of an extensive international lesbian and gay sports movement have been significant achievements. Inclusive policies and practices along with their affirmation and celebration of LGBTIQ sport and culture make the Gay Games unique” (SYMONS, 2010, p. 241).

No entanto, nos últimos tempos, tais competições têm adquirido contornos de um “projeto exclusivo”, seja pelos constantes retornos aos Estados Unidos reforçando uma política “bairrista” de controle, seja pelos argumentos contrários aos GG trazidos por militantes separatistas, que resolveram organizar um campeonato mundial em formato similar: o World OutGames, cuja primeira edição aconteceu em Montreal, Canadá-2006, a segunda, na Dinamarca, em Copenhagen-2009, e a última em Antuérpia-2013 e que tem o propósito anunciado de desmonopolizar o GG enquanto evento específico.

Assim, diante disso, é difícil saber o futuro do formato competitivo e da proposta ideológica dos Gay Games. Com os movimentos questionadores e as opções surgidas nos últimos anos houve, claramente, um abalo visível nas convicções da FGG. No entanto, minha pesquisa desvelou que por mais que os indivíduos clamem por “respeito à diversidade”, “espaços inclusivos”, “não discriminação de gênero no esporte”, eles também demandam a existência de “lugares” (ou “não-lugares, pois as competições são territorializações temporárias”) identitários, exclusivos e onde possam explicitar suas capacidades esportivas e suas sexualidades sem o controle efetivo da sociedade heteronormativa.



As conversações entre grupos, associações esportivas, federações e confederações já se iniciaram para o GG-2018, que seria a décima edição. Ainda sem cidades candidatas interessadas, e mesmo sem saber qual será o desenho organizativo de tal competição, restamos aguardar para ver qual será o novo capítulo dessa história.

### Referências Bibliográficas

BATTAN, Carrie. The Beijing Olympics by the numbers. Dollars & Sense: real world economics. 2008. Disponível em:

<<http://www.dollarsandsense.org/archives/2008/0808battan.html>>, acesso em 10/05/2011.

BOSCH, Heike e BRAUN, Phillip. *Let the Games beGay!*. Stuttgart: Gatzanis Verlag, 2005.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. O Trabalho do Antropólogo: olhar, ouvir, escrever. *Revista de Antropologia*, São Paulo, USP, v. 39, n.1, 1996. p. 13-37.

DAVIDSON, Judy. The necessity of queer shame for gay pride: the gay games and cultural events. In: CAUDWELL, Jayne (org.). *Sport, Sexualities and Queer/Theory*. London/New York: Routledge, 2006. p. 90-105.

Gay Games VIII Cologne 2010 Success. Disponível em: <[http://www.gaygames.com/index.php?id=18&tx\\_ttnews\[tt\\_news\]=41&tx\\_ttnews\[backPid\]=1&cHash=89e2dd8ad2](http://www.gaygames.com/index.php?id=18&tx_ttnews[tt_news]=41&tx_ttnews[backPid]=1&cHash=89e2dd8ad2)>. Acesso em: 17/06/2011.

GRIFFIN, Pat. *Strong Women, deep closets: lesbian and homophobia in Sports*. Massachusetts: Human Cinetics, 1998. p. 133-156.

FEDERATION OF GAY GAMES - Mission, Vision, and Values. Disponível: <<http://www.gaygames.com/index.php?id=56>>. Acesso em 20/ago/2011.

PERLONGHER, Néstor. *O Negócio do michê: a prostituição viril em São Paulo*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2008.

PRONGER, Brian. Sex and Sport. In: PRONGER, Brian. *The Arena of Masculinity*. Sports, homosexuality, and the meaning of sex. New York: St Martin's Press, 1990. p. 177-213.

POLLAK, Michael. A homossexualidade masculina: ou a felicidade no gueto?. In: ARIÈS, P.; BÈJIN, A. (Org.). *Sexualidades Ocidentais*. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 54-76.

RIAL, Carmen Silvia M. Rodar: a circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 14, n. 30, p. 21-65, jul./dez. 2008.

RIBEIRO, Gustavo Lins. A condição da transnacionalidade. In: *Cultura e Política no mundo contemporâneo: paisagens e passagens*. Brasília: Ed. Universitária de Brasília, 2000. p. 93-129



RITCHIE, Brent W., SHIPWAY, Richard, & CLEEVE, Bethany. Resident Perceptions of Mega-Sporting Events: A Non-Host City Perspective of the 2012 London Olympic Games. *Journal of Sport & Tourism*, 14, 2009: 143-167.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. *Cadernos Pagu*; Campinas, v. 1, n. 28, p. 19-54, jan./jun. 2007.

SYMONS, Caroline. *The Gay Games*. A history. New York: Routledge, 2010.

Uncle Donald's Castro Street. Gay Games II: the triumph in '86. Disponível em: <<http://gaygames.com.site.securepod.com/en/gaygames/gaygamehist.html#ggl>>, Acesso em 01/11/2011.

WADDELL, Tom. White Paper: why the games? 1982. Disponível em <<http://www.gaygames.com/index.php?id=200>>. Acesso em 02/11/2011.

WADDELL, Tom & SCHAAP, Dick. *Gay Olympian*. The life and death of Dr. Tom Waddell. New York: Alfred A. Knopf, 1996.

YOUNG, Perry Deane. *Lesbians and Gays in Sports*. New York/Philadelphia: Chelsea House Publishers, 1995.